

LINDA

JESSICA GARDNER

Minha avó e eu compartilhamos um amor mútuo desde o dia em que nasci.

Vim ao mundo com a cabeça amassada e os traços deformados devido ao parto difícil vivido por minha mãe. Dois meses depois estava tudo no lugar, mas, naquele momento, parentes e amigos faziam “careta” diante do bebê desfigurado que eu era. Todos comentavam que eu me parecia muito com um jogador de futebol americano espancado.

Nana me achava linda. Seus olhos brilhavam, cheios de alegria e felicidade, diante do bebê horroroso que segurava nos braços.

Sua primeira netinha. "Linda", ela disse.

Antes das provas finais, no meu penúltimo ano do segundo grau, ela morreu.

Sete anos antes, os médicos tinham diagnosticado que ela era portadora do mal de Alzheimer. A família toda tornou-se especialista no assunto à medida que a perdíamos, pouco a pouco.

Ela falava em fragmentos. Com o passar dos anos, o número de palavras foi ficando cada vez menor até, finalmente, ela não dizer mais nada. Tínhamos sorte quando extraíamos uma palavrinha ocasional dela. Foi então que compreendemos que sua vida estava chegando ao fim.

Mais ou menos uma semana antes de minha avó morrer, seu corpo perdeu todas as funções vitais e os médicos decidiram removê-la para uma clínica de doentes terminais. Um local onde aqueles que entram jamais saem vivos.

Eu disse a meus pais que queria vê-la. Eu tinha de vê-la.

Minha vontade superava o medo paralisante que sentia.

Minha mãe me levou à clínica dois dias depois. Meu avô e duas de minhas tias também estavam lá, mas ficaram no corredor, enquanto eu entrava no quarto de Nana. Ela estava sentada numa poltrona enorme e confortável, ao lado de sua cama, com o corpo encurvado, os olhos fechados e a boca aberta, mole. A morfina a mantinha adormecida. Meus olhos percorreram o quarto, captando as janelas, as flores, a aparência de Nana. Eu lutava para absorver aquilo tudo, consciente de que aquela seria a última vez que a veria viva.

Lentamente, sentei-me à sua frente. Tomei a sua mão esquerda e a segurei, afastando uma mecha de cabelos brancos de seu rosto. Fiquei ali diante dela, sentada, sem me mover,

incapaz de sentir coisa alguma. Abri a boca para falar mas nada saía. Eu não conseguia controlar a minha tristeza diante de sua aparência lamentável, sentada ali, completamente indefesa.

Foi então que aconteceu. Sua mãozinha foi se fechando em torno da minha, apertando mais e mais. Ela emitiu o que pareceu ser um pequeno gemido. Parecia chorar de dor. Então ela falou.

“JESSICA”.

Assim, claro como a luz do dia. Meu nome. O meu. Dos quatro filhos, dois genros, uma nora e seis netos, ela sabia que era eu.

Naquele momento, tive a impressão de estarem exibindo um filme com cenas de nossa família dentro de minha cabeça.

Vi Nana no meu batizado. Nos meus quatorze recitais de dança. Eu a vi sapateando no chão de nossa cozinha. Eu a vi apontando para as próprias bochechas enrugadas dizendo que eu herdara dela minhas imensas covinhas. Eu a vi brincando com os netos, enquanto os outros adultos faziam a ceia de Ação de Graças, e sentada ao meu lado na sala de nossa casa, no Natal, admirando a nossa árvore, decorada com enfeites luminosos.

Então olhei para ela e, ao ver como havia ficado, eu chorei.

Sabia que não assistiria ao meu último recital de dança; nem voltaria a torcer comigo pelo time de futebol. Nunca mais se sentaria ao meu lado para admirar a árvore de Natal. Sabia que não me veria sair, toda arrumada, para o baile de formatura, e que não estaria presente em meu casamento nem quando meu primeiro filho nascesse. E as lágrimas corriam, continuamente, pelas minhas faces.

Mas, acima de tudo, eu chorava porque finalmente compreendia como ela havia se sentido no dia em que nasci. Ela olhara através da minha aparência, enxergara lá dentro e vira uma vida.

Lentamente, tirei a sua mão de dentro da minha e enxuguei as lágrimas que molhavam meu rosto. Fiquei de pé, inclinei o corpo para a frente, beijei-a e disse:

- Você está linda.

E com uma última olhada, me virei e deixei a clínica.